

Ariano Suassuna e o sentido de renovação conciliar no Teatro (*)

ROMEU PERÉA

I

Fui o primeiro e... único a sair publicamente, em defesa de Ariano quando incompreendido no seu "Auto da Compadecida", era vítima de restrições e denúncias, inclusive da parte das autoridades eclesiásticas, sem dúvida, pelas informações de seus assessores e auxiliares imediatos.

A ocasião para êsse ato, menos de coragem do que de justiça, foi um convite do Promotor Público da Comarca de Salgueiro, Dr. João Guerra de Holanda, irmão do saudoso cronista da "Bacia de Pilatos", para apresentar o ilustre dramaturgo, numa conferência a ser proferida naquela cidade, no dia 18 de fevereiro de 1962.

Na véspera, porém, o orador, que andara na praia, na semana anterior, demorando-se mais do necessário, e renovando antiga doença, no pulmão, me enviou um bilhete comunicando-me que estava com receio da poeira da estrada.

Mas como o discurso estava preparado, e como a intenção ao prepará-lo foi a de manifestar publicamente a admiração discreta e silenciosa que por êle sentia, e a de protestar contra as restrições e denúncias de certos sacerdotes e prelados, nada bem informados, pois, em fim de contas, eu era professor de Literatura, embora modesto, resolvi publicá-lo.

(*) Homenagem do autor ao ilustre poeta e dramaturgo no 25º aniversário da sua iniciação literária com a publicação do poema "Noturno" no dia 7 de outubro de 1945.

E publicá-lo com um título que chamasse logo a atenção, o que fiz no Diário de Pernambuco, nos dias 24 e 28 do mesmo mês de fevereiro: “Ariano Suassuna é dos nossos e... dos melhores que temos”.

Os artigos caíram nas mãos da genitora de Ariano, e como tôda mãe, que vê o filho prestigiado pelo seu valor e mérito, gostou; ainda mais por que soube que aquêles artigos eram assinados por um sacerdote “romano” (ela é protestante).

A notícia me foi comunicada pelo próprio Ariano com a simplicidade que o caracteriza, e com a sobriedade de palavras com que se distingue: “mamãe gostou dos artigos”.

Eu, então, me tomei a liberdade de pedir (de pedir, ou de dar?) ao apresentado em Salgueiro, sem ter colocado sequer os pés naquela cidade, a necessária autorização para que os publicasse, a fim de que a mamãe os conservasse com maior facilidade e êle próprio os distribuísse entre seus amigos, como Francisco Brennand que, como depois me informou César Leal, também gostou.

Não necessitava, pois, de maiores críticas fora dessas, as mais sinceras e espontâneas, e por isso mesmo, as mais verídicas e autorizadas.

Enquanto Ariano preparava a edição, no Jornal do Commercio, uma edição limitada, mas bem feita, eu pedia ao Prof. Luiz Delgado umas palavras de apresentação que constituiriam um depoimento a mais, sôbre Ariano, êste sim autorizado e valioso, como valioso e autorizado é tudo, quanto sai da inteligência dêsse autêntico humanista, perdido nestes trópicos. Pois é êsse discurso, que... não foi pronunciado, que agora entrego para ser publicado. E o entrego tal e qual foi escrito, antes do Concílio Vaticano II, que veio — permita o leitor que o diga — confirmar a doutrina nele exposta, o que prova que a doutrina da Igreja é uma só, e que sempre foi a mesma, mesmo porque não pode mudar...

E que confirma, também, que Ariano antecipou-se com o seu Auto, eminentemente mariológico ao verdadeiro sentido “de

renovação e pureza que anima a atual conjuntura conciliar da Igreja”, como escreve o autor da versão espanhola, o eminente José Maria Pemán.

II

Três breves considerações contém êste pequeno ensaio. A primeira, sôbre a posição da Igreja em face da arte, representada, de maneira humana, e compreensiva, pela austera figura do imortal Pio XII.

A segunda, sôbre a posição de Ariano Suassuna em face da Igreja, posição que, infelizmente, não foi compreendida por uma crítica injusta e precipitada.

A terceira, sôbre a posição de cada um de nós em face da arte, da cidade e da própria Igreja, à base de normas seguras e princípios certos que possam garantir o exato cumprimento de nossos deveres como cristãos.

“Em cada cidade — escreve Marie-Alain — (1) há uma arte que vive da época e desta vida comum e indivisível é que a fé cristã deve apoderar-se e transformá-la para os seus próprios fins. Uma das misérias dos “meios católicos” têm sido, certamente, a sua ignorância e indiferença ante os problemas que não eram específica e diretamente religiosos e, por isso mesmo, indiferença ante as angústias, os sonhos e as conquistas de tudo quanto não era estritamente cristão”.

Por outro lado, “o escândalo não nasce da verdade, por dura que seja, quando se expressa com cristã intenção e decoroso estilo, senão da ocultação ou dissimulação que está a dois passos da mentira”. (1)

E mais, “o conhecimento das fraquezas dos grandes homens mais tem de lição moral que de pedra de escândalo, enquanto serve para impedir que a justa admiração degenerem em sacrílega apoteose”. (3)

Suscitar êste tema, indicar a atitude que em face dêle se deve adotar, foi a intenção do autor dêste ensaio que vive con-

vencido de que “as ações humanas, quando são retas e ajustadas à lei de Deus, não necessitam de apologia; quando o não são, temerário e imoral empenho seria defendê-las”. (4)

.....

Este ensaio vai dirigido menos a apresentação de Ariano Suassuna — que dela não carece — do que à reivindicação, muito generalizada, de considerar a Igreja como um inimigo declarado da arte — da dramática, em particular; pensando ingênuamente, muitos, inclusive católicos, que existe entre uma e outra — Igreja e Arte — uma acentuada oposição e uma quase invencível rivalidade.

Justamente o contrário da verdade, pois essa invencível rivalidade nunca existiu, como nunca existiu essa oposição tão acentuada que muitos creêm encontrar.

E se não existe oposição, nem rivalidade, entre a Igreja e a Arte, logicamente, também, não existe essa oposição entre a Igreja e os artistas, sobretudo quando se trata de artistas como este que nos ocupa. Autor, poeta e dramaturgo em tôdas essas atividades sobressaindo-se, como se a cada uma em separado, e de maneira exclusiva, consagrasse a sua privilegiada cabeça e robusta inteligência, Ariano Suassuna coloca em tôdas as suas produções, de maneira a aparecer à vista daquêle que tiver um pouco de intuição, e sensibilidade, o seu amor à Igreja e o seu culto à justiça.

Quem como a Igreja — interrogaríamos nós, logo de início, aos inimigos gratuitos que “teimam em blasfemar daquilo que ignoram — (5) compreendeu o poder e grandeza da arte dramática, em particular, e a quase sublimidade da sua missão?

Quem como a Igreja cercou em todo tempo e lugar, através da história, os artistas, do respeito que êles merecem, e recebe, por outro lado, com tanta generosidade, a inspiração de que os artistas são portadores? É verdade que os antigos vis-

lumbraram, também, esta grandeza, e aceitaram aquela missão a que acima nos referimos, ao acreditarem piedosamente, que cada artista trazia “um pequeno deus” no seu íntimo, manifestando esta crença — da divina presença no artista — da maneira mais ingênua e, às vêzes, patética que podiam e sabiam fazer.

Mas quem em forma definitiva, elevou a arte à sua verdadeira categoria, e colocou o artista no seu lugar de destaque, foi a Igreja.

Como a Igreja foi como “educadora dos artistas” quem assinalou a responsabilidade que pesa sobre a arte, e os perigos que cercam os artistas, sempre que saem da verdadeira finalidade da arte, ou aceitam motivos outros que os desviam de seu verdadeiro destino.

Conserve-se, porém, a arte dentro de seus limites, que são largos, e não perca de vista os seus horizontes, que são luminosos, e a Igreja será a primeira a aplaudir, juntando assim os seus aplausos aos de tantos outros que, mais entusiastas, ou menos refratários à beleza, em qualquer uma das suas manifestações, sabem sentir e apreciar tanto uma representação bem feita, como uma récita bem sucedida; uma música que traga o traço da inspiração, ou uma pintura que deleite e eleve.

Aí está o edificante exemplo de Pio XII, para só citarmos um, relativamente recente, que prova a benevolência que, para com os artistas e as suas produções — sempre que dentro da finalidade de cada uma — tiveram, sempre, também, os seus mais categorizados representantes.

Prometida e organizada pelo Centro Católico Teatral, teve lugar no dia 26 de agosto de 1945 uma concorridíssima audiência, durante a qual o Santo Padre recebeu numerosos autores e atores dramáticos, cronistas e críticos de arte, por motivo da festa de seu celeste patrono S. Genésio.

Todos os artistas, ali presentes, com as suas respectivas famílias, sentiam-se felizes em poder prestar esta homenagem ao Santo Padre, e ouvir a Sua palavra.

Entre êles, anotava-se o Presidente do Centro, Prof. Luís Gedda, o Secretário, Dr. Carlos Trabucco, os conselheiros e alguns Assistentes Eclesiásticos da Ação Católica.

Ao aparecer na sala, o Santo Padre é saudado com uma estrondosa ovação e, uma vez sentado no seu trono, dirigiu ao singular auditório um belo discurso — e aqui é onde queríamos chegar — sôbre as qualidades necessárias para uma verdadeira e profícua arte dramática. Imediatamente após o discurso, quatro afamados artistas italianos ali presentes, todos êles gente de teatro, recitaram para o Santo Padre ouvir, dois dos diálogos dos “I Promessi Sposi”, exatamente, a cena do encontro, entre o Cardeal Frederico e o Inominado, e outra do encontro, também, entre o mesmo purpurado e D. Abbondio. Gino Cervi interpretou o Cardeal Frederico; Carlos Ninchio, o Inominado, Luiz Almirante. D. Abbondio, e Atílio Ortolani, o Capelão Crocifero. Pois foi a êsse grupo que Pio XII interrogou o que era que devia fazer o teatro para bem cumprir a sua missão de fazer o bem, e Êle próprio respondeu: “Deve fazer obra de arte no sentido mais amplo e, ao mesmo tempo, mais sadio e elevado da palavra, como vos fareis, daqui a pouco, no ensaio que nos oferecereis de duas das mais belas cenas dos “Promessi Sposi”. (6)

“E para ser obra de arte”, explicava ainda Pio XII — numa outra ocasião, “não requer explícita missão ética, ou religiosa. Como linguagem estética do espírito humano, se o reflete na sua verdade total, ou, ao menos não o deforma positivamente, é já de per si sagrada e religiosa enquanto intérprete duma obra de Deus; mas, se ainda o conteúdo e a finalidade fôrem aquêles que o Angélico assinalou a sua arte (falava o Papa no quinto centenário do célebre artista da Toscania, Fra Angélico), então êste levantar-se-á por assim dizer, à dignidade de ministro de Deus, refletindo em maior número as perfeições divinas”.

III

É, justamente, dentro das condições necessárias assinaladas por Pio XII para a obra de arte ser verdadeirar, que nós gos-

taríamos de tecer breves considerações em tórno dos títulos que, para preenchê-las, tem o jovem e consagrado artista que agora nos ocupa.

Sentimos receio de ferir a sua modéstia, mas temos, também, o direito de manifestar de público, pela primeira vez, a simpatia que para com Ariano Suassuna, sempre abrigamos, e o entusiasmo com que silenciosa e sinceramente, seguimos, à distância, os seus grandes triunfos, dentro e fora do país, numa arte que consideramos a mais delicada e complicada de tôdas as artes.

A arte dramática exige, com efeito, daquêle que a ela se consagra, em primeiro lugar, uma consciência clara do atormentado e irrequieto coração que cada um de nós carrega dentro de seu peito.

Uma humildade profunda, depois, para saber de antemão, da impotência quase absoluta em penetrá-lo, em tôda a sua extensão e profundidade. E uma caridade ardente, enfim, para continuar a amá-lo apesar da indocilidade que, mais de uma vez, apresenta, para deixar-se retratar com fidelidade, e, menos ainda, radiografar-se.

Aqui abriríamos um parêntese para afirmar, sem receio de sermos desmentidos, que Ariano Suassuna é uma alma profundamente agostiniana, no sentido mais nobre e elevado da palavra.

Como agostiniana era a alma daquêle “louco” Bernanós, o primeiro a mostrar a Ariano quando a sua mente ainda estava carregada de preconceitos, a grandeza da Igreja, em que pese as deficiências dos cristãos.

Grandeza da Igreja essa da que Agostinho foi, justamente, um dos maiores defensores, com a sua doutrina, e um de seus maiores representantes, na terra, pela prática da sua caridade quase infinita.

O “dícere de vitiis, párcerer personis” de Agostinho é quase uma declaração que Ariano Suassuna podia colocar na capa

de tôdas as suas peças avisando, desta maneira, ao leitor, de que é que se vai tratar, "Condenar os vícios e amar os homens".

Teria evitado com esta precaução, alguns dissabores, e muitas incompreensões da parte daquêles que se esqueceram de que se estamos obrigados a amar o nosso próximo, temos, igualmente, o dever sagrado de condenar os seus erros que, também, nos cristãos, como naquêles outros que não o são, não têm, absolutamente, o menor direito.

É difícil apreciar a beleza da inspiração, ou aplaudir os motivos da beleza que, na natureza, a sensibilidade do artista sabe distinguir e seleccionar.

A pintura como a poesia, a música como a eloquência, e tôdas as restantes manifestações artísticas, presentes estiveram sempre, menos nas realizações conseguidas pelos seus autores (imortais, muitas delas) do que na mente dos artistas que as conseguiram concretizar, levando-as à admiração de uns, ou ao deleite de outros; nem sempre porém, com unanimidade de aplausos, a começar pelo próprio artista que, de regra, nunca fica satisfeito com a sua obra.

Daí o desequilíbrio que aparece, mais de uma vez, entre aquilo que o artista concebe na sua mente, e a execução, no bronze, no mármore, ou na madeira; entre a inspiração que tem, e a realização que, com dificuldade, consegue; entre o seu mundo subjetivo, e o que encontra fora de si, com obstáculos, nem sempre, fáceis de serem vencidos.

É esta luta tremenda, a que se estabelece entre o artista e a sua idéia, provocando nele a angústia íntima que é quase a característica de todo verdadeiro artista, como acontecia ao próprio Miguel Ângelo:

Dime, oh Dios, si mis ojos, realmente,
la fiel verdad de la bella miran
o si es que la belleza está en mi mente
y mis ojos la ven doquier se giran.

E se isto acontece nas manifestações da arte, a que acima nos referimos, que acontecerá nesta outra, de tôdas a mais difícil, porque a mais complicada, precisamente, por constituir o homem uma interrogação que desafia, como uma esfinge, àquele que a quer penetrar, única e exclusivamente como frio instrumento de trabalho — mesmo sendo trabalho artístico — sem penetrar naquilo que, agora, justamente, se deu em denominar "as profundidades da alma", isto é, nos pensamentos, afetos e sentimentos, tudo de envolta com as raízes que cada um toma do ambiente, ou recebe da herança, a mais pesada, muitas vêzes?

Para penetrar no homem e descobrir os seus mais íntimos segredos, o seu ser mais íntimo, é necessário que se ame êsse homem, pois só a caridade "abre o coração de um homem a outro homem".

E esta vitória só é conseguida por aquêles artistas de quem se possa afirmar o que de Molière, foi dito, com justiça, aliás; "artista como ninguém, homem como todo o mundo".

Está aí, cremos, nós, o sêgrêdo dos triunfos que na arte dramática vem conseguindo Ariano Suassuna, precisamente, por estar aí, também, a revelação da sua nobreza como artista, como homem e como cristão.

Sobretudo, como cristão autêntico, desafiando, no mais íntimo da sua consciência — calma e tranquila — a incompreensão daquêles que o consideraram ora como comunista, ora como fascista.

Felizmente que as tempestades nunca abalaram as montanhas" . . .

IV

As incompreensões que, de início, pairaram sôbre a sua obra, e os comentários, pouco caridosos, que, surgiram em torno da sua pessoa, passaram ao que parece, para não voltar mais.

“A verdade é filha do tempo”, e quando a verdade aparece, as nuvens se retiram, para dar passagem ao sol que, nesse dia, brilha mais, como a manifestar a sua sentida e justa vingança.

À distância, podemos, agora, com ânimo calmo e sereno, examinar uma e outra, convencidos de que se em algo cabe tolerância é, sem dúvida, na crítica, como da política, afirmou Balmes: “Quando se combate o adversário, é necessário não esquecer a indulgência; pois que, pela nossa parte, bem cedo nos veremos obrigados a pedí-la”. (7)

Aí está o “Auto da Compadecida”, entusiasticamente recebido em Portugal, no Uruguai, na Argentina, discutido, carinhosamente, em Seminário, na Espanha, vertido, enfim, na Alemanha e na Polônia, e nas línguas de outros países que só aceitam traduções de autores de indiscutível mérito. E aí está, também, e seu autor “uma das personalidades mais benévolas e simpáticas que Pernambuco possui”, e “um dos entendimentos mais privilegiados, vigorosos e compreensivos” que a Paraíba nos deu.

A esta altura verifica-se que a crítica de certos católicos poderia ter sido não diremos mais imparcial e construtiva, palavras muito usadas e, por isso mesmo, sem valor, mas sim um pouco mais justa, ou ao menos, mais humana e cristã.

Em fim de contas, tratava-se de um jovem convertido que lutou sozinho na noite escura e sozinho teve de atravessar o túnel da sua conversão, sem outro auxílio que o de uma tênue luz que recebeu do exemplo de Bernanós — um homem, pensava êle, de imenso talento que abdicou, entretanto, generosamente, o seu individualismo intelectual nas mãos amantíssimas da Igreja Católica, como entre nós fizera, também, Jackson de Figueiredo. Mesmo assim, essa tênue luz se apagava, vez por outra, ante o vento forte da conduta de três dos cinco sacerdotes, que conheceu na cidade que mais tarde havia de ser “a sua paróquia”.

Foi necessário que Dostoievski, por um lado, e Unamuno, por outro, com os seus argumentos, o tomassem da mão e o le-

vassem até a porta da Igreja, onde ficou com um cristianismo ainda não bem definido, nem muito seguro, até chegarem Maritain e Alceu Amoroso Lima, que, dando forma àquele cristianismo, o levaram até o altar.

Se, do homem, passamos agora ao artista e ao cristão que Ariano Suassuna separa, cuidadosamente, em si próprio, verificaremos a mesma sinceridade e honestidade, a mesma autenticidade, como agora, se prefere dizer, que encontramos no homem.

Como artista, êle próprio declara com a ingenuidade de uma criança: “ao tomar meus materiais, desejo, antes de tudo, fazer uma boa obra.

O resto vem depois”.

A bondade da obra, sem preocupação de glória humana, ou de humana recompensa, é o que lhe interessa, ao reunir, selecionar os materiais que encontra para manifestar aos outros aquilo que êle sente.

A arte é, ou deve ser, impessoal, pois é, menos para o prazer do artista, do que para o seu dever, em face da sociedade e da cidade, que dêle espera a sua contribuição, valiosa, certamente, para o aprimoramento dos costumes que nessa sociedade deve reinar, e para a qual todos tem de contribuir como membros do mesmo corpo.

O artista fica em Ariano Suassuna separado do cristão, que não faz leviana ostentação da sua fé, mas que observa em consciência, rigorosamente, todos os seus postulados e exigências aceitando os princípios em que se inspira a sua doutrina, mas sem querer comprometer esta doutrina com uma pseudo-autoridade, e com uma orgulhosa arrogância de que outros usam e abusam.

A arte, como ensina Pio XII, para ser arte, não requer explícita missão ética, ou religiosa.

Tem a sua esfera própria, como tem a sua específica responsabilidade. Dá-se na arte, o que se dá na ciência. Era o que pedia Mercier: “Devemos educar, em número cada dia maior,

homens que se consagram à ciência por si mesma, sem intuítos profissionais, sem propósitos diretos de defender a religião; homens que trabalhem primariamente para recolher materiais para o edifício da ciência, e contribuam para o levantamento progressivo dêste edifício". (8)

É, justamente, o que no terreno artístico, procura fazer Ariano Suassuna.

"Sou um autor, cuja religião é a católica, mas não sou autor católico". E respondendo a um crítico que negava ser Ariano Suassuna católico, e afirmava ser êle inimigo da Igreja, escreve o nosso autor: "Isso vem, inclusive, me provar que apesar de tôdas as minhas infidelidades, o meu amor pela Igreja e pela justiça deixam certas marcas que aparecem aqui e ali, nem que sejam (como queria irônicamente o crítico) sob a forma de pregação catónica".

Está aí, retratado em corpo e alma, o cristão, autêntico e sincero, de consciência clara, de humildade profunda, de ardente caridade.

Caridade que o leva ao ardor com que denuncia os erros da cristandade, na medida exata do amor que professa a cada um de seus membros, no supremo esforço de conseguir, na medida das suas possibilidades, que aquêles erros, corrigidos, não constituíam um obstáculo a mais, capaz de impedir a Igreja de apresentar-se perante o mundo na sua verdade, na sua unidade e na sua justiça que êle tanto ama, e de que tão avaros foram alguns para com êle...

BIBLIOGRAFIA

- 1) Arte y Catolicismo, Santiago de Chile, 1942.
- 2) José M. Sanchez, Antologia General de Mendez Pelayo, B. A. C. MCMLVI, vol. I. pp. 182 e 183.
- 3) Id. l. c.
- 4) Id. l. c.
- 5) Jud. cap. único, 10
- 6) Discorsi E Radiomessagi di Sua Santità Pio XII, Tipografia Vaticana, vol. III, pp. 153 ss.
- 7) La Sociedad, Barcelona, 1843, vol. I p. 49.
- 8) Discurso na "Conferência dos católicos belgas", em 1890.